

# PERFIL DO ENFERMEIRO QUE PARTICIPA DO CURSO DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA PARA PROFISSIONAIS DA ÁREA DE SAÚDE - ENFERMAGEM

**Nakamiti, M.C.P.<sup>1</sup>; Rodrigues, M.I.P.<sup>1</sup>; Guedes B.S.L.<sup>1</sup>; Toledo, V.P.<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Centro Universitário Hermínio de Moraes, Departamento de Enfermagem, Pindamonhangaba-SP  
cecinakamiti@yahoo.com.br, inesrodrig@ig.com.br, benysilvana@ig.com.br

<sup>2</sup> Centro Universitário Hermínio de Moraes, Departamento de Enfermagem, Araras-SP  
vanessatoledo@uniararas.br

**Resumo** -O enfermeiro professor deve ter disposição para orientar os alunos no processo de aprender, praticando um ensino entendido como atividade de mediação entre eles e os objetos a serem apreendidos, Deve compromissar-se pessoalmente com o sucesso dos alunos e respeitar suas, diferenças individuais e a diversidade cultural. Deve, ainda, concretizar uma proposta de trabalho pedagógico que considere uma atitude de rigor profissional na seleção de métodos, tecnologias e materiais de apoio a serem utilizados no desenvolvimento da docência. Neste estudo, objetivou-se identificar o perfil dos enfermeiros que participam do curso de Formação Pedagógica para Profissionais da Área de Saúde – Enfermagem. A pesquisa consistiu na aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas. Os resultados revelaram que toda a população do estudo era constituída por mulheres: 92% (11) com idades entre 30 a 49 anos, 67% (8) com companheiro, 75% (9) com o tempo de formação acima de cinco anos, 67% (8) com menos de quatro anos no ensino, 50% (6) com dois vínculos empregatícios. Dos entrevistados, 50% procuraram a profissão para transmitir o saber, e os outros 50%, para qualificar a enfermagem.

**Palavras chaves:** Perfil. Enfermagem. Docentes.

**Área do Conhecimento:** Ciências da Saúde

## Introdução

Segundo Neto (2002), o profissional professor deve: a) ter disposição para orientar os alunos no processo de aprender, por meio do ensino entendido como uma atividade de mediação entre os alunos e os objetos a serem apreendidos; b) recorrer continuamente ao desenvolvimento das práticas de investigação e pesquisa, como processo de construir o conhecimento; c) compromissar-se pessoalmente com o sucesso do aluno no processo de aprender significativamente o objeto de seu estudo; d) respeitar as diferenças individuais e a diversidade cultural entre os alunos, concretizando uma proposta de trabalho pedagógico que as considere; e) preocupar-se permanentemente em promover, nas atividades pedagógicas, atitudes de cooperação e trabalho em equipe; f) estimular constantemente o enriquecimento cultural, explicitado como apropriação de referências de significação da realidade; g) ter atitude de rigor profissional na seleção de métodos, tecnologias e materiais de apoio a serem utilizados no desenvolvimento do trabalho docente.

Bonfim e Torrez (2002) detectaram, em seus estudos, que apenas a minoria dos alunos que participam do ensino a distância tem computador e acesso à Internet, e a cultura técnica ainda é bem reduzida, o que leva à “info-exclusão” da categoria que participa do projeto. Constataram, ainda, que esses alunos

têm dificuldades de aproximação com o computador, mesmo quando este recurso está disponível em seu local de trabalho. No mesmo estudo, constataram que 91% dos alunos do curso de Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde-Enfermagem são, na sua grande maioria, mulheres entre 10 e 24 anos de experiência profissional (BASSINELLO, 2002).

A prática pedagógica deve estimular o aluno para que faça a descoberta de si mesmo, que seus valores culturais sejam preservados e que a sua preparação não seja apenas profissional, mas uma preparação para a vida de todos (MORIN, 2001). A consecução dessa prática pedagógica ideal “[...] exigiria o recurso não a ensinamentos separados, mas a uma pedagogia conjunta que agrupasse filósofo, psicólogo, sociólogo, historiador, escritor, que seria conjugada a uma iniciação à lucidez” (MORIN, 2002).

Na área da atuação do enfermeiro, a docência em ensino médio traz pontos críticos para a formação adequada do profissional, destacando-se a ausência de preparação específica dos enfermeiros/docentes e a ausência da sua formação pedagógica. Além disso, acrescentem-se o reduzido estímulo salarial, o desinteresse, a desatualização, o acúmulo de atividades profissionais, motivos que caracterizam a docência como uma atividade profissional secundária (SANTOS, 1997).

Em decorrência do não reconhecimento da importância da formação pedagógica, os enfermeiros não participam de programas de formação pedagógica ou aperfeiçoamento na área. Essa desvalorização da preparação pedagógica deve-se principalmente às escolas que, na sua maioria, não valorizam a atividade docente dos enfermeiros (BASSINELLO, 2002).

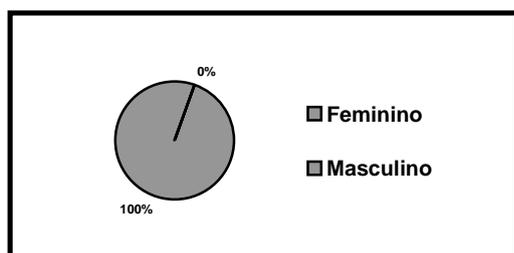
Este estudo tem como objetivo identificar o perfil do enfermeiro-docente que participa do Curso de Formação Pedagógica para Profissionais da Área da Saúde-Enfermagem na Universidade de Araras-SP.

### Materiais e Métodos

Foram pesquisados todos os professores-enfermeiros que participaram do curso de Formação Pedagógica para Profissionais da Área da Saúde-Enfermagem e que atuavam ou que atuaram como docente em um colégio de formação de auxiliares e técnicos de enfermagem, em uma cidade situada no vale do Paraíba-SP, e que aceitaram participar da pesquisa, perfazendo um total de doze enfermeiros. Foram excluídos do trabalho os autores da pesquisa. A pesquisa ocorreu no período de 1º a 31 de outubro de 2003. Os pesquisadores solicitaram aos professores o consentimento para a entrevista, por meio de assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e os pesquisadores se comprometeram a manter o anonimato dos envolvidos. O Instrumento foi composto por um questionário com questões abertas e fechadas, que foram analisadas quantitativamente.

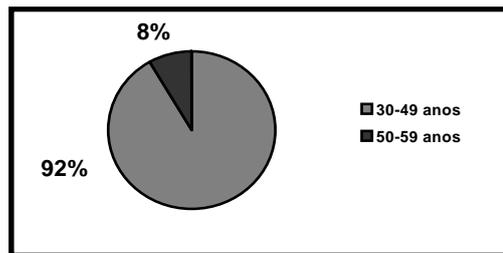
### Resultados

A Figura 1 demonstra que todos os pesquisados (100%) são mulheres.



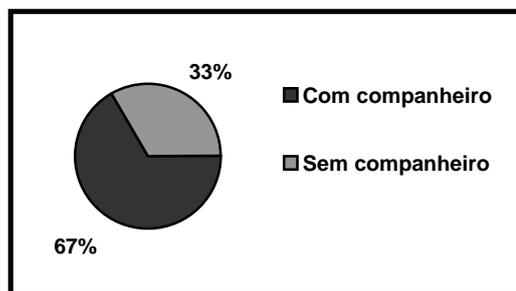
**Figura 1 – Distribuição dos enfermeiros/docentes, segundo o sexo. Araras - SP, 2003. N=12**

Observa-se, na Figura 2 que a faixa etária predominante é de 30 a 49 anos, perfazendo um total de 92% (11).



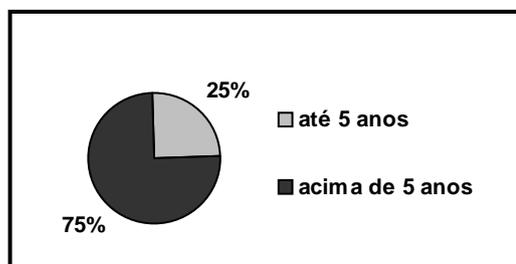
**Figura 2 – Distribuição dos enfermeiros/docentes, segundo a faixa etária. Araras - SP, 2003. N=12**

A Figura 3 demonstra que 67% (8) dos enfermeiros/docentes têm companheiro.



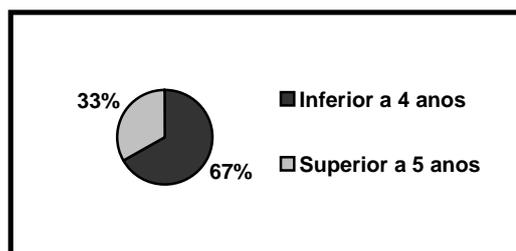
**Figura 3 – Distribuição dos enfermeiros/docente, segundo o estado civil. Araras - SP, 2003. N=12**

Em relação ao tempo de formação profissional, predominou o período acima de cinco anos, perfazendo um total de 75% (9).



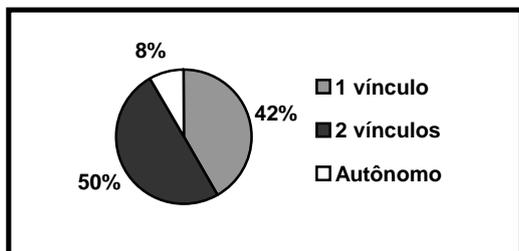
**Figura 4 – Distribuição dos enfermeiros/docentes, segundo o tempo de formação na enfermagem. Araras, SP, 2003. N=12**

Em relação ao tempo de docência 67% (8) dos entrevistados têm menos de quatro anos no ensino.



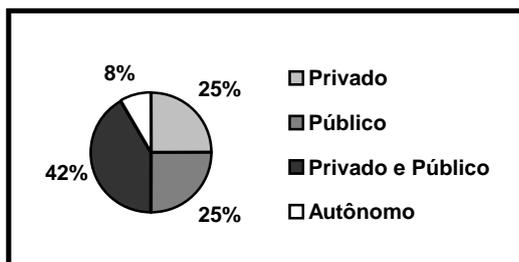
**Figura 5 - Distribuição dos 12 enfermeiros/docentes, segundo o tempo de docência. Araras - SP, 2003. N=12**

Observa-se, na Figura 6, que 50% (6) dos profissionais pesquisados têm mais de um vínculo empregatício.



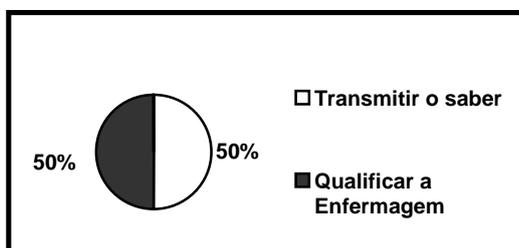
**Figura 6 - Distribuição dos enfermeiros/docentes, segundo número de empregos. Araras - SP, 2003. N=12**

A Figura 7 demonstra que dos entrevistados 42% (5) mantêm os dois tipos de vínculo empregatício.



**Figura 7 - Distribuição dos enfermeiros/docentes, segundo o tipo de emprego. Araras - SP, 2003. N=12**

Observamos na Figura 8, que 50% (6) dos enfermeiros pesquisados buscam a docência para transmitir o saber, e os outros 50% (6) têm interesse em qualificar a enfermagem.



**Figura 8 - Distribuição dos enfermeiros/docentes, segundo os motivos que os levaram a docência. Araras - SP, 2003. N=12**

## Discussão

Este estudo revelou que todos os entrevistados são do sexo feminino, o que

constitui uma característica da profissão da enfermagem e também dos profissionais do ensino, resultado constatado por Porfírio *et al.* (1992) e por Bonfim e Torrez (2002).

Os resultados revelam que há maior concentração de enfermeiros/docentes na faixa etária de 30 a 49 anos (PORFÍRIO *et al.* 1992; BASSINELLO, 2002), dados que correspondem à faixa etária economicamente ativa no País.

A grande maioria dos entrevistados tem companheiro, o que pode motivar, sua maioria, a busca por uma nova fonte de renda, pois muitas vezes assumem as responsabilidades com o cuidado da casa e também com a educação dos filhos (BONFIM e TORREZ, 2002).

Em relação ao tempo de formação profissional, predominou o período acima de cinco anos no exercício da profissão, demonstrando que os enfermeiros/docentes têm experiência profissional, o que favorece a sua supervisão no campo de estágio (BASSINELLO, 2002).

Em relação ao vínculo empregatício, 50% têm mais de um emprego, o que prejudica a sua capacitação, devido à falta de tempo. Por outro lado, os salários são defasados, e uma única fonte de renda não oferece condições para que o enfermeiro/docente invista na sua capacitação (LINHARES, 1993).

A maioria dos enfermeiros/docentes tem menos de quatro anos no ensino, apesar do tempo de formado ser significativo, o que demonstra sua pouca vivência em sala de aula, fato que pode afetar o processo de ensino-aprendizado, especialmente quando eles não têm formação pedagógica (FIGUEIREDO e SILVA, 1997).

Segundo Daniel (1983), a profissão da enfermagem tem como característica o "cuidar", e os resultados desta pesquisa demonstram esta característica do profissional enfermeiro/docente, quando se constata que o seu interesse em ministrar aulas na enfermagem tem base nos objetivos de transmitir o saber e de qualificar a enfermagem.

## Conclusão

Conclui-se que todos os profissionais envolvidos são do sexo feminino, com idade entre 30 e 49 anos, 67% com companheiro, 75% com o tempo de formação em enfermagem acima de cinco anos, 67% com menos de quatro anos no ensino, 50% com dois vínculos empregatícios. Dentre os entrevistados, 50% procuraram a profissão para transmitir o saber, e os outros 50%, para qualificar a enfermagem.

## Referências

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1997.

- BASSINELLO, G.A.H. Perfil dos professores de ensino médio profissionalizante de enfermagem na região de Piracicaba. 192 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2002.
- BONFIM, M.I.R.M.; TORREZ, M.N.F.B. A Formação do Formador no Profae: refletindo sobre uma proposta na área de enfermagem. Rev. Formação/ MS. Profae, Brasília, DF, v. 2, n. 4, p.15-34, 2002.
- DANIEL, L.F. Atitudes interpessoais em enfermagem. São Paulo: EPU, 1983, 176 p.
- FIGUEIREDO, R.M. de; SILVA, M.A. Perfil dos futuros auxiliares de enfermagem da cidade de Campinas, SP, em 1995: motivos, expectativas e dificuldades relacionadas ao curso. Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 5, n.1, p. 89-96, 1997.
- LINHARES, C.F.S. Trabalhadores sem trabalho e seus professores: um desafio para a formação docente. In: ALVES, N. (org.). Formação de professores: pensar e fazer. São Paulo: Cortez, 1993. cap. 1, p. 9-36.
- MORIN, E. A Cabeça Bem Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 3. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 22-32.
- MORIN, E. Os Sete saberes necessários à educação do futuro. 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2002, 118 p.
- NETO, F.J.S.L. Ser professor: necessidade de formação profissional específica. Rev. Formação/ MS. Profae, Brasília: DF, v. 2, n. 4, p. 5-13, 2002.
- PORFÍRIO, R.M. *et al.* Perfil sócio-econômico-cultural do estudante de auxiliar de enfermagem de São Paulo-SP. Rev. Bras. Enfermagem, São Paulo, v. 45, p. 290-301, 1992.
- SANTOS, L.H.P. dos. Vivendo em constante conflito: o significado da prática docente no ensino médio de enfermagem. 127 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem da